

A fortaleza marítima da cidade medieval de Arsur (séculos XII–XIII): uma releitura histórica

The sea fortress for Arsur's medieval city (XII-XIII centuries): a historical rereading

Edison Bisso Cruzen

Resumo

O presente artigo, valendo-se de dados históricos e arqueológicos pretende realizar uma contextualização das estruturas da fortaleza marítima de Arsur, durante o processo das Cruzadas na Palestina (séculos XII e XIII). Para tanto foram utilizados a bibliografia clássica de especialistas hebraicos e ingleses para as fontes históricas e os diários de campo produzidos em três anos de escavações (1998, 1999 e 2000), para os dados arqueológicos.

Palavras-chave: arqueologia, fortaleza, cruzadas.

Abstract

The present article, using historical and archaeological data, intends to provide a contextualization of the structures of the maritime fortress of Arsur, during the process of the Crusades in Palestine (XI and XIII centuries). For this one used the classic bibliography of Hebrew and English specialists for the historical sources and the three-year-excavation daily reports (1998, 1999 and 2000) for the archaeological data.

Key words: Archaeology, Fortress, Crusade.

O presente artigo tem como base a dissertação de mestrado “Arquitetura Militar Medieval na Palestina e o Estudo de Caso do Castelo de Arsur, Séc. XII e XIII”, dissertação por mim concluída em 2001 e originada de minha participação em três escavações no sítio arqueológico de Apollonia-Arsuf¹ (1998, 1999 e 2000), como

integrante da equipe de pesquisa do Projecto Apollonia (Brasil/Israel – UFRGS², PUCRS³ e TAU⁴). Neste artigo buscarei fazer uma releitura histórica, de parte dos dados adquiridos para a realização da dissertação em Arqueologia, definindo historicamente o contexto em que se encontrava a Fortaleza Marítima de Arsur, du-

¹ O nome do sítio arqueológico é composto por duas designações que a cidade teve no decorrer de sua história: Apollonia, nome helenístico e conservado posteriormente pelos romanos; e Arsuf, nome que adquiriu durante a ocupação árabe. Com a ocupação franca o nome Arsuf, passou a ter a sonoridade Arsur e assim foi registrada nos documentos de época das Cruzadas.

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul/Brasil

³ Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/Brasil

⁴ Tel Aviv University/Israel

Edison Bisso Cruzen é mestre, doutorando bolsista da Fundação para Ciência e Tecnologia de Portugal (FCT) pelo Instituto de Arqueologia da Universidade de Coimbra/Portugal. Telefone: 00 351 937 01 35 29.

Endereço para correspondência: Rua Figueira da Foz, nº 32, 1º Dto, Coimbra/Portugal, Cod. Post. 3000-000. E-mail: edisoncruzen@hotmail.com

Textura	Canoas	n. 10	julho/dezembro 2004	p.67-73
---------	--------	-------	---------------------	---------

rante o processo das Cruzadas. O sítio arqueológico de Apollonia-Arsuf, é possuidor de remanescentes principalmente dos períodos de ocupação helenística, romana, bizantina, muçulmana inicial e franco-cruzada. Dentre as estruturas do período cruzado destaca-se em importância o castelo de Arsur, construído em 1241, pela família dos Barões *Ibelinos*.

A contextualização histórica foi alcançada através da classificação da evolução da arquitectura militar medieval e função operacional da fortificação marítima de Arsur. Para tanto, trabalhou-se com a tipologia que define os três principais estilos de arquitectura militar desenvolvida na Palestina pelos francos: Torre Fortificada, *Castrum* e Castelo de Escarpa. Estes estilos arquitectónicos foram relacionados com as ditas três “Fases de Segurança” dos Reinos Latinos, assim definidos por Ellenblun (1996, p.518-529), como Invasão, Estabelecimento e Recuo dos francos na região do Levante.

O sítio arqueológico de Apollonia-Arsuf (actualmente Parque Nacional, aberto a visitação do público) localiza-se na Planície Costeira de Sharon, na periferia da actual cidade balneária de Herzliya/Israel, à 15km ao norte de Tel Aviv e 30km ao sul de Cesaréia. Este sítio vem sendo sistematicamente escavado desde o início da década de 70 pela equipe do Prof. Dr. Israel Roll, do departamento de Antiguidade Clássica, da Tel Aviv University.

A fortaleza marítima de Arsur, pertence a uma fase em que os assentamentos francos na Palestina, em meados do século XIII, ficaram limitados quase que exclusivamente às planícies litorâneas. Uma fase de plena expansão muçulmana, liderada pelo sultão mameluco Baybars, tornando-se fundamental proteger o território costeiro, por onde os cruzados podiam manter contacto com o Ocidente. As fortificações erigidas no litoral da “Terra Santa” pelos francos, podem ser consideradas como a quarta e última fase de construção de castelos cristãos na Palestina⁵, entre o período de 1250 à 1291.

É significativo, entretanto, da natureza diminuída do território cruzado, que no século seguinte, com excepção de Monfort, 1227–1229, o quartel general da Ordem Teutônica, poucos castelos novos de qualquer tamanho apareceram no interior. A ênfase agora mudou para fortificações na costa, na esperança de que portos inconquistáveis e o controle do mar permitissem que os francos mantivessem pelo menos a estreita planície costeira. (FEDDEN, 1950, p.15-16)

Os cruzados concebiam a cidade fortificada costeira como uma entidade dual, formada por uma cidade amuralhada que cercava um castelo, provido de seu próprio aparato defensivo. Evitava-se colocar o castelo no centro da cidade, construindo-o sempre em uma extremidade, com acesso directo ao mar ou campo aberto, assegurando assim sua independência. Caso a cidade caísse, o castelo poderia continuar operando como uma unidade defensiva efectiva, comunicando-se e obtendo socorro das áreas adjacentes. A cidade⁶ e castelo de Arsur enquadram-se na descrição de “fortificação de cidade costeira”, definida por Fedden (1950, p.18-19).

O castelo de Arsur foi construído no canto noroeste da cidade, em contacto directo com o mar, tendo um porto junto a sua base⁷. Conforme Roll; Tal (1999, p.17), o castelo de Arsur continuou a resistir ao ataque mameluco, mesmo após a cidade ser invadida e dominada. A independência física do castelo de Arsur em relação a cidade pôde ser confirmada por provas arqueológicas, quando a partir de 1999 foi escavado um largo fosso amuralhado, que cercava quase por completo a fortificação. A comunicação entre cidade e castelo era feita por uma ponte levadiça que se apoiava em dois pilares. O fosso tinha cinco metros de altura por trinta de largura, tendo parede de kurkar⁸ tanto na face interna, como externa.

Poucas fortificações portuárias do Reino Latino conseguiram sobreviver até os dias actuais. As cidades com as quais essas fortificações estavam associadas foram capturadas e recapturadas muitas vezes a partir do século XIII. Devido a essas diversas reocupações o trabalho cru-

⁵ Os estilos arquitectónicos anteriormente empregados na Palestina: Torre Fortificada (Keep) – início do século XII, durante a fase de invasão da Palestina pelos francos; Castelo Concêntrico (*Castrum*) – segunda metade do século XII, durante a fase de estabilização do poder franco; e Castelo de Escarpa (Spur) – que se firma em definitivo no século XIII, durante a fase de enfraquecimento e recuo dos francos no oriente.

⁶ Tomada pelos francos na primeira Cruzada, em 1101.

⁷ Cf. planta geral do sítio arqueológico de Apollonia-Arsuf, com a localização do castelo, ao Norte (no topo da planta, área F). Lâmina, 01.

⁸ Rocha arenítica, da planície costeira da Palestina.



zado foi destruído, reconstruído ou sobreposto. Muito pouco sobrou das construções defensivas litorâneas de Tiro, Jafa, Beirute ou Acre que foram destruídas pelos mamelucos. Arsúr também foi arrasada pelo sultão Baybars em 1265, depois de um cerco de seis semanas (RUNCIMAN, 1993:II, p.326). Mas por outro lado, parte considerável de suas estruturas, não apenas do castelo, mas também da cidade medieval preservouse, o que a torna um caso raro. Depois de sua destruição, a cidade não foi reocupada, ou reconstruída, permanecendo soterrada até o século XIX, quando foi redescoberta por Victor Guérin (1875), possibilitando assim pouca perturbação em seus estratos arqueológicos.

A partir do início do século XIII, as cidades litorâneas do Levante passaram por um processo geral de fortificação. Como exemplo, temos Acre, que até o final do século XII era protegida por apenas uma linha de muralhas; no início do século XIII construiu mais uma muralha externa, trinta metros a frente da já existente, e torres a cada 50 m. Também foram construídos dois fossos, um externo e outro entre as duas muralhas (BENVENISTI, 1970, p.94). Ascalon foi destruída em 1187, mas em 1239 passou por uma reconstrução e refortificação; Theobaldo da Champagne e Ricardo da Cornualha construíram um castelo a beira-mar, que passou em 1244 às mãos dos Hospitalários (BENVENISTI, 1970, p.120). Em 1251, Cesaréia foi refortificada por Luis IX, com um novo fosso amuralhado e novas muralhas com torres (BENVENISTI, 1970, p.138). Em 1218, foi construído, entre Acre e Cesaréia, o castelo de Atlit, que seria a última fortaleza cristã a ser destruída pelos muçulmanos, em Agosto de 1291 (BENVENISTI, 1970, p.176). Ainda como exemplos de refortificações na costa dos reinos cruzados, durante o século XIII, pode-se citar: Beirute, 1197/1205; Tiro, 1212; Haifa, 1252 e Jafa, 1228/1253 (ELLENBLUM, 1996, p.531-9). Arsúr enquadra-se nesse período de construção de fortalezas costeiras.

No período em que a costa da Palestina está sendo fortificada, poucos castelos e cidades amuralhadas continuam em mãos de particulares. Junto com a fase de ofensiva muçulmana, iniciada na segunda metade do século XII, pelos Aiúbidas do Egípto, inicia-se também uma nova fase de posse das fortificações na Terra Santa. A insegurança e retracção das forças cru-

zadas levam a uma transferência dos senhorios e castelos para as únicas instituições capazes de sustentarem e manterem fortificações cada vez maiores e mais complexas, as Ordens Militares dos Hospitalários e Templários.

De modo geral, pode-se estabelecer dois períodos de posse para os castelos cruzados. O primeiro, que se estende da chegada dos francos a “Terra Santa” até a segunda metade do século XII, é quando as fortalezas construídas e mantidas na Palestina estão em mãos de “particulares” (senhores feudais e nobreza franca). O segundo, iniciado em meados do século XII, corresponde à tomada de posse de praticamente todas as fortalezas pelas ordens militares. Um dos primeiros castelos a ser apossado foi o de Ibelin, em 1141, pelos Hospitalários, logo após a queda de Edessa. Em 1166, haviam em mãos privadas apenas três castelos ao sul de Beirute.

Na segunda metade do século XII, fortalezas começaram a ser planejadas em tal escala que o senhor feudal comum dificilmente teria condições de suportar o custo de construí-las e equipá-las, assim a defesa da Terra Santa caiu progressivamente sob o comando das ricas ordens militares. (FEDDEN, 1950, p.15)

Kennedy (1994, p.61) também concorda com essa divisão de fases para os castelos cruzados. Conforme o autor, a tentativa de colonização franca foi mal sucedida, pois mesmo antes da derrota esmagadora de 1187, em Hattim, os pequenos donos de castelo estavam vendendo suas propriedades para a igreja e acima de tudo para as ordens militares. A segunda metade do século XII viu o fim do dono de castelo independente com uma força política de direito próprio. Conforme Kennedy (1994, p.124), somente os Templários e Hospitalários tinham condições de realizar grandes construções, através de rendas de terras, saques e tributos. Os eventos de 1187 meramente confirmaram que os castelos simples não eram páreo para guerra em grande escala do final do século doze e início do século XIII.

Quando cheguei a sua terra e perguntei a quem pertenciam os castelos, as vezes recebia a resposta “este pertence ao Templo”; em outros locais me diziam “é do Hospital”. Não achei nenhum castelo, cidade ou vila, que diziam ser suas, exceto três. (*Chronicle of Ernoul* apud KENNEDY, 1994, p.32)

Após a derrota em 1187, os cruzados conseguiram reaver parte do território perdido através de acordos com os sultões aiúbidas, em 1229 e 1241. Estas aquisições e inclusive os próprios domínios costeiros foram tornando-se cada vez mais difíceis de ser mantidas pela nobreza laica e eclesiástica. As dificuldades aumentaram com o fim do poder dos aiúbidas, que haviam adotado uma atitude complacente em relação aos cruzados, na primeira metade do século XIII. A ascensão ao poder dos mamelucos e a sua política de agressividade, demonstrou a incapacidade econômica dos grandes proprietários para fazerem frente aos gastos com defesa (RAMOS, 1995, p.178).

O castelo de Arsur foi construído em 1241 e até o ano de 1261 permaneceu nas mãos de particulares, sob domínio dos barões Ibelinos; em 1261 o castelo e todo o senhorio foram arrendados à Ordem Militar dos Hospitalários, que mantiveram o seu controle por apenas quatro anos, quando foi atacado e destruído em 1265 (ROLL & TAL, 1999, p.16).

Este dominio costero [Arsur], situado entre Jaffa y Cesarea, *había pasado en 1207 a manos de una de las ramas del linaje Ibelin* por matrimonio de Juan el Viejo, señor de Beirut, com Melisende de Arsur. Tras la pérdida definitiva de Ascalón en 1247, el señorío, junto al condado de Jaffa, detentado por otro miembro de la familia, el jurista Juan de Ibelin, se convirtió en zona fronteriza expuesta al renovado vigor egipcio. La situación debió ser tan comprometida que *en 1261 Balian cedió el control del dominio a la Orden del Hospital* (RAMOS, 1995, p.190, grifo meu)

O castelo de Arsur representa uma exceção a estes dois estágios de posse, entre particulares e ordens militares, pois foi construído por particulares oitenta anos depois de ser iniciada a fase de posse de fortificações pelas ordens militares. De certa forma, pode-se dizer que Arsur passou pelas duas fases, a particular (sob os Ibelinos) e a das ordens militares (sob os Hospitalários). O período de oitenta anos de diferença, para a construção do castelo de Arsur, por particulares é bastante significativo, se levarmos em consideração que o reino franco no Oriente, durou ao todo cerca de duzentos anos. Pode-se especular a construção desse castelo, “fora de época”, tendo-se em vista que os

Ibelinos eram a mais poderosa família baronial franca, possivelmente uma das poucas com condições de construir um castelo para proteger seu feudo, em um período tão adverso. Mesmo assim, não conseguiram manter o controle sobre o feudo por mais de vinte anos.

No que concerne a arquitectura militar de Arsur, esta pode ser definida como um aproveitamento das melhores características arquitectónicas desenvolvidas nas fortificações cristãs da Palestina, durante o processo das Cruzadas. Pode-se estabelecer uma tipologia de fortificações francas, que se define por três tipos de estruturas defensivas: Torre Fortificada, *Castrum* e Castelo de Escarpa. Divisão esta definida e empregada por Adrian Boas (1998), Hugh Kennedy (1994, p.119-125), Marshall (1992, p.100), Benvenisti (1970, p.281) e Robin Fedden (1950, p.27-28). Mas o mais interessante não está em simplesmente observar o desenvolvimento das estruturas arquitectónicas dos castelos francos, mas sim poder perceber o motivo, o factor que impulsionou essa transformação. Para tal deve-se compreender um pouco melhor os diferentes períodos de poder militar e demografia dos reinos cruzados no Oriente, períodos que são denominados “Fases de Segurança dos Reinos Francos”, por Ellenblun (1996).

As “Fases de Segurança dos Reinos Francos” foram aqui directamente relacionadas com o processo de desenvolvimento da Arquitectura Militar cristã na Palestina. A situação do poder político e militar dos francos gerou a possibilidade de expansão ou necessidade de protecção. Isto se reflectiu directamente nas suas construções militares e locais onde foram erigidas.

Como primeiro período temos a “Invasão” (1099 à 1125), com intensos conflitos entre muçulmanos e cristãos. Para o melhor domínio do território recentemente conquistado, que se mostrava muito extenso em comparação a pequena densidade demográfica dos francos, foram construídas Torres Fortificadas, que serviam basicamente como postos de observação. Por ser o mais simples dos castelos cristãos, necessitava de poucos homens para defende-la e construía-se muito rapidamente, bastante adequado as necessidades do momento belicoso. A maior parte da população franca que imigrou para o Oriente nesta fase, ocuparam as cidades fortificadas e locais centrais já existentes, devi-

do à falta de segurança e inferioridade demográfica (BOAS, 1998, p.154). Estas torres eram feitas em blocos de pedra quadrados ou retangulares, tinham dois ou três pisos, apenas uma entrada no segundo piso, eram construídas sobre um promontório artificial, cercado por uma única linha de muros e fosso de terra.

O segundo período é o de “Estabelecimento” (1125-1169), onde os reinos francos são moldados e consolidados, é uma fase de relativa “tranquilidade”, devido à superioridade bélica franca. Neste período são construídos os castelos do tipo *Castrum* concêntrico. Continham características arquitectónicas de “Defesa Activa”, com a função de expandir o domínio no território e exercer a manutenção do poder franco na “Terra Santa”. Conforme Benvenisti (1970, p.282), a maioria dos *castra* foram construídos principalmente entre 1130 e 1170. O castelo de tipo *Castrum*, mesmo sendo simples em sua forma, oferecia muita segurança, principalmente quando concêntrico (várias linhas de defesa até chegar no seu centro). Rapidamente os francos tornaram esse tipo de arquitectura militar na mais comum da Palestina (KENNEDY, 1994, p.15). Este período fica marcado pela prevalência de batalhas campais, tendo como principal força de combate a pesada carga da cavalaria cristã.

A força do *Castrum* não se baseava apenas nos seus muros de pedra e instalações defensivas. A concepção táctica dos castelos cruzados na Palestina, a partir de meados do século XII, era de “defesa activa”, serviam como bases de concentração da cavalaria, para investidas no território. As características defensivas básicas de um *Castrum* definiam-se por duas linhas de muralhas; dois pátios (interno e externo); torres quadradas ou circulares salientes tanto nas esquinas como intermediárias nas muralhas; continham uma torre fortificada principal em seu pátio interno; eram cercados por um fosso amuralhado; tinham apenas uma entrada, um portão, tinham plano simétrico; eram construídos em planícies ou terrenos não íngremes, que possibilitavam a sortida da cavalaria pesada. Neste período passam a ser cada vez mais utilizados os portões fortificados protegidos por duas torres laterais e salientes à cortina.

O terceiro período define-se pelo “Recuo” cristão (1170 à 1187), com o início da ofensiva

muçulmana. A superioridade militar franca deixa de existir e há uma perda progressiva do território conquistado. Os francos se encontram muito reduzidos numericamente. Esse período tem suas origens em 1141, com a queda de Edessa, agrava-se e tem início propriamente dito em 1169 com a ofensiva do sultão do Egito Saladino e terminando em 1187 com a derrota cristã na batalha de Hattim. O recuo pós-Hattim (1187-1250), fica marcado pela dispersão do exército cruzado e pelo facto de quase todas as fortificações caírem em mãos muçulmanas. Com isso as concepções tácticas agressivas, baseadas em um exército forte disposto a atacar o inimigo em qualquer lugar, partindo desde um castelo utilizado como base de operação, passam para uma concepção de “Defesa Passiva”, com sua expressão no Castelo de Escarpa. Este sempre construído em locais inacessíveis, em escarpas e cumes de montanhas rochosas, dificultando ao máximo o acesso do inimigo. Este período ao contrário do anterior, fica marcado pela guerra de assédio. As fortificações não tinham a função de servir de base de ataque, mas sim se partia do princípio de serem atacadas e buscarem resistir o máximo possível. Há um deslocamento dos conflitos dos campos de batalha para as fortalezas. O Castelo de Escarpa representa a fase de maior desenvolvimento e complexidade arquitectónica dos castelos francos, devido a dialéctica que se forma entre máquinas de cerco criadas e aperfeiçoadas pelos mamelucos e as soluções defensivas desenvolvidas pelos cristãos.

Os Castelos de Escarpa continham um plano concêntrico, com várias linhas de defesa e uma planta completamente assimétrica, muitas vezes mais longa do que larga; suas muralhas eram construídas na beira dos precipícios, aproveitando a própria formação rochosa como base de construção; suas construções eram feitas em vários níveis, com a torre fortificada no nível mais alto ou junto a muralha interna mais protegida. Neste período a entrada em cotovelo firma-se em definitivo nas fortificações cruzadas.

No tocante a arquitectura militar da fortificação marítima de Arsur, pode-se observar a presença das características dos três diferentes estilos arquitectónicos acima descritos. Arsur foi construído sobre um promontório artificial, formado pela terra e rocha de kurkar retirado do grande fosso que o cercava. Esta é uma ca-

racterística típica do primeiro estilo de arquitectura militar franca empregada na Terra Santa, a Torre Fortificada. Forma de defesa herdada dos primeiros castelos *Motte and Bailey*, construídos na Europa.

Com uma disposição concêntrica, plano simétrico, pátio interno e externo, apenas uma entrada, localização em terreno regular (no topo da colina) e portão fortificado por duas torres, Arsuf apresentava características arquitectónicas de um *Castrum*.

Arsuf foi erigido no topo de uma colina, na beira de uma falésia com mais de trinta metros de altura. Sua torre principal não estava no centro do pátio interno, mas sim junto a muralha oeste, construída na borda da falésia⁹, esta era a única parte do castelo que não estava cercada pelo fosso. Em sua entrada, o caminho que conduzia da passagem da muralha externa para a interna, era feito em cotovelo. Estas podem ser definidas como características de um Castelo de Escarpa.

O castelo de Arsuf foi construído com uma arquitectura militar de defesa activa, com todas as características de uma fortaleza ofensiva. Apresentando um largo e profundo fosso amuralhado como primeira linha de defesa, muralha externa, muralha interna, entrada em cotovelo, portão principal fortificado entre duas torres semi-circulares salientes, um portão menor junto a base do fosso que possibilitava fazer sortidas, torres semi-circulares salientes intermediárias e torre principal junto a muralha oeste (junto ao mar). Escavações em 2000 definiram a presença de espaços que possivelmente poderiam servir para colocação de armas de arremesso (armas balísticas), na muralha interna. Mas quanto a sua “função militar”, pode-se afirmar que Arsuf era um castelo de defesa passiva, construído em 1241, na última fase de fortificações francas, quando o objectivo era tentar manter a estreita faixa de terra litorânea e não mais uma expansão territorial. Conforme este contexto, esperava ser atacado e resistir o máximo possível, e não atacar. Arsuf, já não tinha a função de base de operações para tropas de cavaleiros cristãos, que a partir dele faziam suas incursões de conquista no territó-

rio da planície costeira.. Embora o castelo de Arsuf tenha mantido em seu interior cerca de 270 irmãos da ordem dos Hospitalários (um número bastante representativo, para uma época de escassos efetivos guerreiros), nem Roll, nem Edbury (1997)¹⁰ fazem referencia a ataques organizados ou saídos de Arsuf,

Conforme o acima apresentado, o castelo de Arsuf, construído em uma fase tardia da presença franca no Oriente, pode valer-se de praticamente todas as soluções defensivas desenvolvidas em praticamente 200 anos de conflitos, onde o castelo era a principal arma de conquista e manutenção de poder. Além do que foi comentado, Arsuf ainda apresenta características pouco encontradas no Oriente ou que não se encaixam na tipologia estipulada. Sua cortina externa está constituída por baluartes semicirculares salientes, adquirindo uma forma praticamente circular. Sua cortina interna não forma um quadrado ou um rectângulo, como era de se esperar de um castelo construído em um terreno plano e com características de *Castrum*, sua cortina interna apresenta uma estrutura poligonal. Da mesma forma Arsuf junta em si duas características que parecem antagónicas, uma arquitectura de defesa activa e uma função de defesa passiva, como uma resposta as necessidades da ameaçada presença franca na Palestina. Esse é o momento apropriado para citar T. E. Lawrence (1988, p.37): “o castelo cruzado é uma série de excepções para uma regra não descoberta”.

A tipologia trabalhada neste artigo corresponde a uma “evolução” da arquitectura militar na Palestina através da qual é possível realizar uma contextualização do processo das Cruzadas. Deve-se considerar que cada tipo arquitectónico dessa tipologia, sofreu diversas transformações e adaptações devido aos diferentes materiais de construção, adaptação ao terreno e função da fortaleza. Arsuf é um caso claro dessas transformações e adaptações, pois reúne em si características dos três estilos apresentados e ainda outras, que não se enquadram na tipologia aqui estudada. Tal facto demonstra que a arquitectura militar dos cruzados passou por fases de aperfei-

⁹Actualmente as muralhas oeste encontram-se em ruínas, na beira da praia de Herzliya.

¹⁰Cito estes dois autores porque o primeiro é o maior e principal responsável pelas pesquisas arqueológicas do castelo de Arsuf e o segundo é o autor de uma das obras mais completas sobre os barões Ibelinos e suas posses (*John of Ibelin and the Kingdom of Jerusalem*).



çoamento, onde diversas características defensivas foram preservadas, aperfeiçoadas ou mesmo suprimidas. A construção do castelo de Arsur está dentro de uma fase de fortificação da costa da Palestina como tentativa de defesa de um território franco cada vez mais ameaçado pela expansão mameluca. O castelo de Arsur é prova material, das últimas tentativas francas de permanência no Levante.

BIBLIOGRAFIA

- BENVENISTI, M. *The Crusaders in the Holy Land. Jerusalem*. Jerusalem: Israel Universities Press, 1970.
- BOAS, A. The Frankish Period: A Unique Medieval Society Emerges. *Near Eastern Archaeology*, Boston, v. 61, n. 3, September 1998.
- BRANDÃO, C. L. *A Formação do Homem Moderno Vista Através da Arquitetura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.
- CAIRNS, C. *Los Castillos Medievales*. Madrid: Ed. Akal, 1992.
- EDBURY, P. W. "John of Ibelin and the Kingdom of Jerusalem". Woodbridge: The Boydell Press, 1997.
- ELLENBLUN, R. Three Generations of Frankish Castle-Building in the Latin Kingdom of Jerusalem. In: BALARD, M. (Ed.). *Autour de la première Croisade*. Actes du Colloque de la Society for the Study of the Crusades and the Latin East (CLERMONT-FERRAND, 22–25 juin 1995). Paris: Publications de la Sorbonne, 1996.
- FEDDEN, R. *Crusader Castles: A Brief Study in the Military Architecture of the Crusaders*. London: Ed. Art & Technics, 1950.
- GUÉRIN, V. *Description géographique, historique et archéologique de la Palestine: Samarie II*. Paris: s/e, 1875.
- KENNEDY, H. *Crusader Castles*. New York: Ed. Cambridge University Press, 1994.
- LAWRENCE, T. E. *Crusader Castles (A new edition)*. Oxford: Clarendon Press, 1988.
- MARSHALL, C. *Warfare in the Latin East, 1192–1291*. Cambridge: s/e, 1992.
- PRAWER. *The Latin Kingdom of Jerusalem: European Colonialism in the Middle Ages*. London: Weidenfeld and Nicolson, 1972.
- RAMOS, L. G-G. *Papado, Cruzadas Y Órdenes Militares: Siglos XI-XIII*. Madrid: Ed. Cátedra, 1995.
- ROLL, I.; TAL, O. *Apollonia-Arsuf: Final Report of the Excavations*. Jerusalem: Emery and Claire Yass Publications in Archaeology, 1999. v. I: The Persian and Hellenistic Periods (with Appendices on the Chalcolithic and Iron Age II Remains).
- RUNCIMAN, S. *História das Cruzadas - v. I-III*. Lisboa: Livros Horizontes, 1993.
- SMAIL, R.C. *Crusading Warfare 1097-1193*. New York: Cambridge, 1956.

